

UM CISNE NEGRO NA SOCIEDADE DA PÓS-NORMALIDADE E DA PÓS-VERDADE. AS IMPLICAÇÕES DA COVID-19 NA BUSCA PELA VERDADE

Hugo Miguel Carvalho¹

João Carlos Santos²

Resumo

Neste conceptual paper analisamos a presente era como um sistema definido pelas suas relações, que são representadas como inputs e outputs. Portanto, quando falamos sobre esta era enfatizamos algumas condições específicas do sistema que nos conduzem para a pós-normalidade e pós-verdade. Tentamos dar sentido ao presente e descobrir o futuro da verdade através da influência de acontecimento de impacto desproporcionado ou de eventos raros e aparentemente inverosímeis, como se verifica, no caso da COVID-19. Analisamos igualmente as razões que conduzem a pessoa humana, individualmente ou coletivamente, a não ver ou não querer ver a importância destes eventos no desenrolar da História e desenvolvimento da humanidade.

Palavras-chave: COVID-19; Pós-normalidade; Pós-verdade; Fake News

A BLACK SWAN IN THE SOCIETY OF POST-NORMALITY AND POST-TRUTH. THE IMPLICATIONS OF COVID-19 IN THE SEARCH FOR TRUTH.

Abstract

In this conceptual article, we analyze the present era as a system defined by its relations, which are represented as inputs and outputs. Therefore, when we talk about this era, we emphasize some specific conditions of the system that lead us to post-normality and post-normality. We try to make sense of the present and discover the future of truth through the influence of events of disproportionate impact or rare

¹ ISCIA- Instituto Superior de Ciências da Informação e Administração de Aveiro

² ISCIA- Instituto Superior de Ciências da Informação e Administração de Aveiro

and seemingly improbable events, as seen in the case of COVID-19. We also analyze the reasons that lead the human person, individually or collectively, to not see or not want to see the importance of these events in the course of the history and development of humanity.

Keywords: COVID-19, Post-normality; Post-truth; Fake News

Introdução

Estávamos longe do aparecimento da primeira pandemia do século XXI quando Ziauddin Sardar publicou o seu importante artigo *Welcome to Postnormal Times* (Sardar,2010) onde propunha uma nova abordagem teórica para desenvolver um melhor entendimento de como a própria mudança estava a ter um resultado importante na definição do presente. Sardar defendia que vários “artefatos” humanos, como sejam - significado, verdade, conhecimento, ordem mundial, governance, entre outros – encontravam-se em profundo estado de transformação de conceitos clássicos para modernos, de visões pós-modernas para pós-normais. E eis aqui, como humanidade em 2021 a vivermos um “novo normal”.

“Tudo o que era 'normal' evaporou-se; entrámos em tempos pós-normais, o período intermediário em que velhas ortodoxias estão a morrer, novas ainda não surgiram e nada realmente faz sentido. Para se ter noção de um futuro viável, é preciso apreender o significado desse período de transição caracterizado por 3 c's: complexidade, caos e contradições. Essas forças impulsionam e sustentam tempos pós-normais que levam à incerteza e diferentes tipos de ignorância que tornam a tomada de decisões problemáticas e aumentam os riscos para os indivíduos, a sociedade e o planeta. Tempos pós-normais exigem, este artigo argumenta, que abandonemos as ideias de "controlo e gestão" e repensemos as noções acalentadas de progresso, modernização e eficiência. O caminho a seguir deve ser baseado nas virtudes da humildade, modéstia e responsabilidade, requisito indispensável para viver com a incerteza, a complexidade e a ignorância. Teremos que nos imaginar a sair de tempos pós-normais e entrar numa nova era de normalidade - com uma bússola ética e um amplo espectro de imaginações da rica diversidade de culturas humanas.” (Sardar,435,2010).

Na verdade, não foi a pandemia COVID-19 que nos introduz neste “novo normal”. A vivência da humanidade nestes tempos “pós-normais” já se encontrava em crescimento. Quase sem perceber já tínhamos entrado numa época em que pouca coisa pode ser confiável ou nos transmite confiança. Há muito que vivíamos cercados pela incerteza, rápida mudança, realinhamento de poderes, agitação e um generalizado comportamento caótico. Os velhos conceitos estão mortos, mas ainda temos capacidade para compreender o sentido dos novos conceitos que nascem no caos. A humanidade ainda pensava que vivia num equilíbrio global de poderes, que com todas as suas imensas imperfeições, mantinha uma aparência

de lei e ordem pacíficas. O homem queria manter esse sonho mesmo contra as evidências. Uma parte da humanidade queria continuar a acreditar naquela ilusão de que viviam em comunidades coerentes e coesas, onde acreditavam que o futuro dos seus filhos estava seguro. Para esta parte da humanidade o “antigo normal” nada mais era do que uma ilusão. O “novo normal” já era há muito vivido pela parte mais pobre da humanidade.

A humanidade continua com dificuldade em assumir que vive há já algum tempo um largo período de transição, sem poder basear-se no conforto do conhecimento do nosso passado e sem confiança em definir caminhos para um futuro sustentável. Evoluímos nesta fase entre escolhas perigosas e sonhos visionários, mas vacilantes e indecisos sobre a nossa capacidade ou vontade de os concretizar. O ser humano continua preso no paradoxo de uma realidade teimosa e de uma ilusão resiliente.

Vivemos numa época pós-normal entre o “velho” que resiste a morrer e o “novo” que ainda batalha por nascer e onde nada é dado como certo. Mas, o homem tem uma enorme dificuldade para situar-se entre o “nunca mais” e o “ainda não” numa incerteza dialética. Lidamos mal com a verdade de que a incerteza é parte fundamental da realidade. Por isso, criamos qualquer tipo de ilusão para acreditar que somos capazes de prever os fatos e mudar o curso da história.

A história demonstra a nossa incapacidade para aprender com os erros de previsão e a falta de consciência sobre os mesmos.

Vivemos num mundo globalizado que está interligado e é interdependente em todos os seus níveis, do local ao global, em todas as etapas das nossas vidas, o que regularmente e ininterruptamente, origina uma mudança pós-normal com uma rapidez nunca vista.

Em princípio, esta mudança pós-normal não deveria gerar efetivamente um acontecimento pós-normal, enquanto resultado da mudança como tal. No entanto, nesta humanidade globalizada e interligada, com uma diversidade de elementos interagindo com relações não lineares, produzem contradições estruturais e ampliam a complexidade do sistema.

A nossa sociedade, como um sistema, é agora muito mais do que a soma de todas as suas partes; e, portanto, não pode ser escrutinada pelas suas partes, dado que estas mesmas partes pela sua veloz interação vão-se auto-organizando em novos padrões e estruturas complexas.

Esta pandemia COVID-19 seria assim um acontecimento pós-normal decorrente desta lógica de evolução do sistema baseada na Complexidade, Contradições e Caos. A complexidade e as contradições do sistema que construímos como humanidade geram ciclos de feedback positivo cada vez mais velozes que levam ao Caos. Por isso, consideramos, que a maioria dos analistas está incorreto quando falam em recuperação e esperam por cenários que retornem ao seu antigo conceito de “normalidade”.

Perdemos tempo precioso quando devíamos estar a projetar o novo rumo da humanidade. Os próximos anos vão lembrar-nos que esta pandemia foi apenas um convite à reflexão antes do aparecimento do verdadeiro problema. A Peste Negra do séc. XIV promoveu mudanças que foram emergindo ao longo de séculos. Sendo esta sociedade capaz de criar como sistema ciclos de feedback cada vez mais velozes, as consequências emergirão muito mais rapidamente. Esta sociedade interligada origina que os efeitos borboleta se amplifiquem com imensa rapidez. Devemos considerar, e baseando-nos em Habbermas (1987) e na sua Teoria da Ação Comunicativa, que a nossa sociedade, foi caindo numa progressiva colonização do mundo da vida pelo sistema, ou seja, a modernização social levou a que este caísse sob a dependência do sistema. Assistimos, então, ao crescimento de subsistemas cada vez mais complexos, cujos imperativos de monetarização e a burocratização se opõem contra o próprio mundo da vida. Esta é a realidade que temos de enfrentar.

Criamos demasiados Cisnes Negros (Taleb, 2007), que se formam nesta Complexidade, Contradições e Caos, para quem não sabe lidar com racionalidade com acontecimentos inesperados e raros com grandes ramificações. Muitos podem afirmar que é quase impossível de prever um Cisne Negro, sendo, portanto, acontecimentos dificilmente mitigáveis. Realçamos, no entanto, que um Cisne Negro apenas se vislumbra com clareza quando observado com um certo distanciamento. Nesse caso, o acontecimento torna-se óbvio e inevitável. Relembramos as palavras de Steve Jobs (2015).

“Vós, não conseguirão ligar os pontos apenas a olhar para a frente; vós, só conseguirão ligá-los se olharem pra trás. Então, terão de confiar que os pontos se vão ligar algum dia no futuro. Vós, têm de confiar em algo – no seu instinto, destino, vida, carma, o que for. Esta abordagem nunca me desapontou, e fez toda diferença na minha vida”.

Quando desejamos entender a pós-normalidade e os fenómenos, somos obrigados a enfrentar incertezas e os erros, imprecisões e inexatidões no nosso entendimento e razão que expõem a precaridade de todos os nossos preconceitos; somos assim obrigados a reavaliar as nossas ideias, crenças e perspetivas sobre o sistema que construímos enquanto humanidade. Quem desejar entender a pós-normalidade tem de voltar a ser um descobridor por marés nunca antes navegados. Porque os eventos e problemas pós-normais não podem ser controlados ou geridos - eles apenas podem ser navegados.

A pandemia COVID-19 engloba todas as características de um processo de mudança pós-normal: velocidade, propósito, escala e simultaneidade. Mas será um acontecimento pós-normal? Acreditamos que sim, dado que é o resultado da interação das forças de Complexidade, Contradições e Caos.

Voltamos a reiterar a nossa ideia de que poderemos ser muitos resilientes na ilusão, mas a teimosia da realidade irá sempre prevalecer. Não é apenas porque um fato não aconteceu ou que não queremos que aconteça que ele não acontecerá. Um Cisne Negro implica sempre uma enorme catástrofe que

devemos assumir que irá ocorrer de forma a prepararmo-nos o melhor possível. A pergunta seguinte seria óbvia.

1. “Quem poderia conceber que seríamos afetados por uma pandemia como o COVID-19?”

Na época dos novos antibióticos, os microbiologistas Macfarlane Burnet e David White previram em 1972 que o mais provável sobre o futuro das doenças infecciosas é que será muito enfadonho. (Burnet, 1972). No entanto, reconheceram que iria sempre existir o risco do surgimento totalmente inesperado de uma nova e perigosa doença infecciosa, mas nada do tipo marcou os últimos cinquenta anos. As epidemias, neste período, interessavam apenas aos historiadores.

Os tempos mudaram assim como as nossas perspetivas. Desde o herpes à doença do legionário na década de 1970, à VIH, ébola, a síndrome respiratória aguda grave (SARS) e agora Covid-19, as doenças contagiosas continuam a ser um risco existencial. Os historiadores continuam atentos a esta evolução, assim como ao seu contexto e circunstâncias locais. (Jones, 2020)

Charles Rosenberg, baseou-se em Albert Camus (Camus,1972) e concebeu uma estrutura de uma pandemia (Rosenberg,1989) que se desenvolveria em três fases.

Concebemos, desta forma uma nova interpretação, baseado em Rosenberg. Numa primeira fase, perante sinais muitos tênues, o ser humano influenciado por um desejo absurdo de negação ou de ilusória autoconfiança homocêntrica, ou mesmo perante o imperativo e a necessidade de defender o seu status quo político e económico, decide ignorar o óbvio até que a evolução da pandemia e o número crescente da taxa de mortalidade o faça acordar da autoilusão.

A segunda fase, inicia-se perante o reconhecimento do caos instalado. Toda a pandemia pressiona a sociedade onde eclode de forma a tornar evidentes as falhas nas estruturas que, de outra forma, não seriam evidentes ou se encontravam demasiado escondidas. Este é o aspeto positivo de mudança que uma pandemia origina, pois obriga a uma análise social sobre o que realmente é relevante e valorizado pela sociedade. O caos nunca tem uma ação destruidora per si, mas de regeneração e co-criação.

Perante esta pressão, a sociedade “pós-normal” exige agora rápidas explicações científicas, económicas, morais e mesmo teológicas – o que originam apressadas respostas públicas geralmente mal fundamentadas por falta de previsão. A história demonstra-nos que, corremos um maior risco perante o pânico e o medo exagerado e com a consequente elaboração de planos e prioridades mal fundamentadas. São inúmeros os exemplos históricos de sociedades que se focam numa ameaça existencial menor, ignorando riscos existenciais muito maiores, sejam eles ocultos ou demasiado visíveis.

Não devemos igualmente esquecer que um dos aspetos mais dramáticos e absurdos da resposta a uma pandemia é sempre o desejo de atribuir responsabilidades a algo ou alguém. A estigmatização é parceira íntima de todas as pandemias. Não nos surpreendamos por esta culpabilização, pois trata-se de um mero mecanismo de defesa para as manifestações do Ego diante das exigências das outras instâncias psíquicas do ser humano (como seja a ansiedade, o medo ou a necessidade de sobrevivência), que tendem a desencadear sentimentos inconscientes, provocando reações menos racionais e objetivas que buscam reduzir as manifestações iminentemente perigosas ao Ego. Falamos de mecanismos como a compensação, expiação, fantasia, formação reativa, identificação, isolamento, negação, projeção e regressão, que são perigosas quando afetam a humanidade em larga escala face a um acontecimento inesperado e que coloca em causa a sua existência. O estado instintivo ou “selvagem” do homem nunca esteve completamente controlado e delimitado pelas normas civilizacionais. O homem evolui mediante o confronto de paradoxos – e, não como num processo retilíneo de civilidade, pois a barbárie ainda murmura inconscientemente no seu amago. Por isso, o ser humano não lida bem com Cisnes Negros, mesmo quando é o seu progenitor.

Esse discurso de culpabilização do outro e/ou de vitimização baseados nestes mecanismos de defesa psíquica reflete-se posteriormente nas divisões sociais existentes aos níveis da religião, raça, etnia, classe ou identidade de gênero. Os governos, como sempre o fizeram na história, respondem através da força da sua autoridade, impondo medidas públicas compulsórias, como sejam a quarentena ou vacinação obrigatória. Simplesmente, temos uma perspetiva histórica onde observamos instituições ou pessoas com poder e privilégio (nem sempre baseadas em sólidos conhecimentos ou comprovadas evidências científicas e raramente baseados numa comunicação clara e coerente) impondo intervenções sobre pessoas sem poder ou privilégio, criando e alimentando uma dinâmica que alimenta ainda mais o medo e o conflito social. (Jones, 2020). Outro fator de stress sobre a sociedade verifica-se nas análises históricas de pandemias em que se observa que as intervenções científicas / médicas e de saúde pública muitas vezes não cumprem com as suas promessas.

Tudo isto alimenta a que as respostas privadas sejam crescentemente fundamentadas em considerandos fundamentalistas, conspirativos, e totalmente absurdos, baseadas numa perspetiva de “pós-verdade” onde se estabelece o berço das fake news. As respostas ao surto tornam-se assim mais perigosas, pungentes e catastróficas do que a própria doença.

Gostávamos de lembrar que sob a capa da “normalidade”, é possível esquecer que os valores que orientam a humanidade não se concretizam na prática. Por isso, torna-se necessário um “novo normal” ou uma pós-normalidade. Esta segunda fase da pandemia é uma porta entreaberta para algo

novo. Por exemplo, compreendemos na leitura de Ensaio sobre a cegueira (Saramago, 1995) e La peste (Camus, 1947) uma tentativa deliberada de simbolizar a agudez da crise como um meio de transmissão da necessidade do compromisso permanente com um verdadeiro humanismo. Saramago criou uma nova peste (a cegueira branca) que descortinasse a aparência de humanidade dos dias atuais. A luta contra a doença é a alegoria da necessidade de construir um humanismo real. Camus e Saramago querem nos transmitir que é necessário o homem adoecer para perceber a sua doença, que é necessário cegar para compreender que nada vê.

A história ensina que na terceira fase, a pandemia acaba por ceder face à ação humana ou por ter completo uma espécie de ciclo de seleção natural onde ceifa os padecentes mais débeis. Este é o esquema evolutivo pandémico que presenciamos com a Covid-19.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Banco Mundial alertaram sobre o risco de pandemias entre os anos de 2000 a 2010, especialmente após o surto de SARS de 2002-2004. O Global Preparedness Monitoring Board divulgou seu primeiro relatório no final de 2019 (GPMB, 2019). Foram realizadas múltiplas iniciativas e avisos para proceder a uma conscientização sobre a ameaças de uma grave pandemia e necessidades de a humanidade se preparar.

Em maio de 2015, a OMS foi solicitada pelas organizações membros a criar um "Plano de Ação para Prevenir Pandemias" de forma a gerar ideias que reduziram o lapso de tempo entre a identificação de surtos virais e a aprovação de vacinas / tratamentos, para evitar que os surtos se transformem em uma "emergência de saúde pública". Um grupo de especialistas globais, o "R&D Blueprint Scientific Advisory Group", foi reunido pela OMS para elaborar uma lista restrita de menos das dez "doenças prioritárias do projeto". Desta forma, em 2018, a OMS cunhou o termo, Doença X, para representar um hipotético patógeno desconhecido que eventualmente poderia vir a causar uma epidemia futura. (WHO, 2018), Na verdade, alguns dos consultores especializados da OMS, consideram que o COVID-19, causado pela cepa do vírus SARS-CoV-2. A COVID -19 seria a primeira Doença X.

Assim, Peter Daszak (2020) relata:

"No início de 2018, durante uma reunião na Organização Mundial da Saúde em Genebra, um grupo de especialistas ao qual pertenço (o Projeto de R&D) foi criado o termo "Doença X". Estávamos referindo-nos à próxima pandemia, que seria causada por um novo patógeno que ainda não havia entrado na população humana. Enquanto o mundo está hoje à beira do precipício pandémico, vale a pena reservar um momento para considerar se a Covid-19 é a doença sobre a qual o nosso grupo procurou alertar. A doença X, dissemos naquela época, provavelmente resultaria de um vírus originado em animais e surgiria em algum lugar do planeta onde o desenvolvimento económico une as pessoas e a vida selvagem. A doença X provavelmente seria confundida com outras doenças no início do surto e espalhar-se-ia

rapidamente e silenciosamente; explorando redes de viagens e comércio humanos, e alcançaria vários países e impediria a contenção. A doença X teria uma taxa de mortalidade mais alta do que uma gripe sazonal, mas espalhar-se-ia tão facilmente quanto a gripe. Tudo isto abalaria os mercados financeiros antes mesmo de atingir o status de pandemia. Em poucas palavras, Covid-19 é a doença X.”(Daszak, 2020)

Michael Osterholm, um especialista em doenças infecciosas, tem vindo a alertar há cerca de uma década e meia que o mundo teria de enfrentar uma nova pandemia. Osterholm, escreveu vários artigos na revista *Foreign Affairs*, *Preparing for the Next Pandemic* (Osterholm, 2005), *Unprepared for a Pandemic* (Osterholm, 2007), *Chronicle of a Pandemic Foretold* (Osterholm, 2020), e voltou a reiterar no seu livro de 2017 que a sociedade se encontrava num ponto crítico na sua história. Osterholm, sempre afirmou que o tempo estava a esgotar-se. Para a humanidade preparar-se para a próxima pandemia.

Vaclav Smil no seu livro, *Global Catastrophes and Trends: The Next Fifty Years*, avisou que depois das pandemias de 1958-59, 1968 e 2009, a humanidade nada tinha feito como medida de prevenção, o que deixava altamente vulnerável face a outra pandemia viral. Smil acreditava que a probabilidade de outra pandemia de influenza durante os próximos 50 anos era praticamente de 100%. (Smil, 2008)

Mais recentemente, numa palestra TED talk de 2015, Gates afirmou que o mundo "não estava pronto para a próxima pandemia" (Gates, 2015).

“O que aprendi é muito preocupante. Por mais terrível que tenha sido esta pandemia, a próxima poderá ser muito pior. O mundo simplesmente não está preparado para enfrentar uma doença - uma gripe especialmente virulenta, por exemplo - que infeta um grande número de pessoas muito rapidamente. De todas as coisas que podem matar 10 milhões de pessoas ou mais, de longe a mais provável é uma pandemia. Mas acredito que podemos prevenir essa catástrofe construindo um sistema global de alerta e resposta a pandemias. Aplicaria o tipo de planeamento que existe na defesa nacional - sistemas para recrutar, treinar e equipar profissionais de saúde; investimentos em novas ferramentas; etc. - ao esforço para prevenir e conter surtos” (Gates, 2015).

Em 2018, numa reflexão sobre pandemias patrocinada pelo Massachusetts Medical Society e pelo *New England Journal of Medicine*, Gates voltou a afirmar que uma pandemia poderia acontecer na próxima década (Hoffower,2020). Numa entrevista ao *Financial Times* afirmou que um surto viral provavelmente acontecerá "a cada 20 anos ou mais" (Gates, 2020).

As previsões de Bill Gates, ao alertar sobre uma pandemia foram claras e atempadas, assim como diversos especialistas em saúde. Ex-funcionários da Casa Branca também alertaram anteriormente sobre uma ameaça de pandemia iminente. Múltiplas teorias da conspiração circularam online ou em livros e filmes que faziam alusão a uma pandemia mundial. A esmagadora parte dessas previsões são pura

especulação. Mas os de especialistas em saúde, sempre foram mais precisos e todos afirmavam a mesma situação: o mundo não estava preparado para este Cisne Negro.

Resumindo, antes da pandemia uma cascata de avisos, estudos e simulações foram claramente ignorados (Sanger et al, 2020). Compreendemos que a elite dominante global ignorou as advertências de especialistas sobre uma pandemia, muito mais preocupada em propor medidas de estímulo para sustentar os mercados. A pandemia era expetável, mas esta elite preferiu reunir-se em Davos todos os anos para falar sobre poder, dinheiro e tecnologia - principalmente sobre o seu potencial de maximizar os seus retornos. Nunca foi seu intento concentrarem-se na responsabilidade principal da classe dominante - a segurança da humanidade. Se os sistemas de saúde e de investigação tivessem recebido o investimento necessário estariam preparados para uma pandemia como esta, e a taxa de mortalidade seria 100 vezes menor. (Xie, 2020). A resposta global ao COVID-19 representa a maior falha da política científica a que assistimos. Acreditamos que vivemos numa era em que a atividade humana tornou-se a influência dominante no meio ambiente. Uma ideia que evoca noções de onipotência humana. A pandemia Covid-19 revelou a fragilidade humana e expôs a nossa incapacidade de cooperar, coordenar e agir em conjunto. Talvez não sejamos tão dominantes quanto pensávamos (Horton, 2020).

O tal de 'destino' é um conceito que elaboramos tendo como base um acontecimento imprevisível e inalterável para identificar (e muitas vezes tentar personificar em si mesmo) aquilo que não é identificável. Ou seja, a humanidade tenta que o destino defina o indefinível, e por tal, criou um sistema paradoxal. Mas, na medida em que o imprevisível e o inalterável são determinados conscientemente. Quisemos pensar que o homem podia 'representar e criar um destino' e com isso 'ser ele mesmo um destino' para alguém ou a caminho de algo, enquanto não encontra a verdade (Stegmaier, 2011).

O problema é que quase todo o pensamento humano é narrativo e elabora a personagem e circunstâncias que deseja ser e viver. Quando um homem quer ser um destino, é nesse querer que se transforma pobremente no seu destino. Assume-se o destino como uma "vivência", algo que é meramente vivenciado, mas que não pode ser conceptualizado. Mas, o homem que quer ser o seu destino pela vida acaba por nunca explicar o indefinível. O homem que quer ser um destino acaba por compreender e aceitar o involuntário (Stegmaier, 2011). Quando Nietzsche exclama que "Deus está morto", contrapomos que na verdade o "homem soberano está morto" e que foi o próprio homem que quis ser destino, que o matou.

Em toda a história observamos no homem um risco pela tentação totalitária que ignora o óbvio. O homem revolta-se contra a injustiça porque vive preso num destino que não é menos absurdo, mas é trágico porque só em raros momentos torna-se consciente do mesmo homem.

A humanidade tornou-se numa espécie de Sísifo que desafiou os deuses e foi condenado por toda eternidade, a empurrar a pedra até o topo; e a ter de começar tudo de novo, vezes sem conta.

O homem quando toma essa consciência face ao absurdo tem três consequências que são, a sua revolta, a sua liberdade e a sua paixão. Na maioria, opta pela revolta contra a injustiça, mas o império dos homens acaba sempre por desvirtuar os objetivos justos, pela cegueira do poder. Todavia, a culpa dos crimes feitos em nome desse império não é da revolta, mas sim a fuga e o esquecimento relativamente às razões dessa mesma rebelião.

Assim, o homem acaba por viver os riscos da sua ilusão sobre a infalibilidade e imparcialidade da justiça e da realidade.

É necessário cuidado com as soluções permanentes para problemas temporários. É necessário cuidado com soluções que implicam uma solução apenas num futuro possível, mas que não conseguem resolver nada no aqui e agora. É necessário cuidado com as soluções que apenas respondem ao absurdo da vida sem nos ajudar a criar o nosso próprio significado da mesma.

Citando Goethe: “Saber não basta; devemos aplicar. Desejar não é suficiente; devemos fazer.” Os sinais eram claros. Tivemos o Hendra em 1994, Nipah em 1998, Sars em 2003, Mers em 2012 e Ébola em 2014; todas estas pandemias foram causadas por um vírus com origem em hospedeiros animais que se transferiram para humanos. Os riscos naturais são inevitáveis; o desastre não é (Jones, 2018). O ser humano tem a tendência a ignorar as informações que não refletem a nossa própria experiência do mundo. Normalmente, as catástrofes revelam a fraqueza da memória humana (Horton, 2020). Porque não fizemos nada?

2. Porque ignorámos os avisos evidentes?

A pandemia Covid-19 é um acontecimento da pós-normalidade e representa para muitos a primeira pandemia da era da pós-verdade. Veremos que não será exatamente esta a realidade. A COVID-19 não é a primeira epidemia a gerar boatos e mentiras. Ao longo da história, demagogos e vendedores de “ilusões e milagres” exploraram pragas para espalhar falsidades, manter o poder ou ganhar dinheiro. O que parece diferente nesta era é que enfrentamos não apenas decepções e declarações erróneas, mas um profundo ceticismo sobre a própria ideia de que a verdade possa existir (Parmet, 2020).

A expressão da pós-verdade foi eleita a palavra do ano em 2016 de acordo com Oxford Dictionaries. O seu significado refere-se a algo que denota circunstâncias nas quais os fatos objetivos não são relevantes, em termos de formação da opinião pública, pois constitui um apelo às emoções e às crenças pessoais. Portanto, quem deseja influenciar a opinião pública deve concentrar-se na criação de um discurso que

seja fácil de aceitar e dar uma maior ênfase ao que irá satisfazer as emoções e crenças do público, em vez de fatos reais (Camacho, 2019).

Foi no livro intitulado *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life* que o termo obteve um certo grau de desenvolvimento conceitual (Keys, 2004). A manipulação criativa criada nesta era levou a humanidade a ausentar-se do reino da exatidão e a mudar-se para o reino da narração da verdade. As informações embelezadas e coloridas são formuladas como verdadeiras em espírito e mais verdadeiras do que a própria verdade. Num mundo inundado por informações irrelevantes, a clareza é poder. A censura não funciona bloqueando o fluxo de informações, mas inundando as pessoas com desinformação e distrações (Harari, 2018). Se o futuro da humanidade for decidido na ausência da maioria, porque estes estão demasiado ocupados a consumir ou a tentar tudo para fazer sobreviver a sua família ou a si mesmos – tal fato não os isentará das consequências. A história nunca foi justa.

Podemos identificar muitas fontes potenciais da pós-verdade. A disseminação viral de informações contraditórias nas redes sociais cria um clima de desconfiança. A rápida mudança cultural e o aumento da desigualdade económica alimentaram a polarização política que fomenta a lealdade ao partido a uma causa em vez de uma busca compartilhada pela verdade (McIntyre, 2018). O fracasso impressionante dos organismos estatais e internacionais assim como dos especialistas em prever e prevenir os múltiplos e crescentes ataques terroristas ou as diversas crises económicas dos últimos anos, misturado com o aumento noticiado da corrupção em todos os sectores, minaram a fé nos líderes nacionais e em todo o sistema global e seus vários subsistemas.

Olhando além dessas forças, sugerimos que vários fatores adicionais merecem consideração. Sem dúvida, toda a informação divulgada sobre a chamada “ciência falsa” patrocinada pelas indústrias de tabaco, combustíveis fósseis e outras (Conway, 2010), corroeu ainda mais a crença de que a ciência busca descobrir a “verdade” (Funk, 2019). Como podemos esperar que o ser humano aceite que a ciência busca a verdade quando somos informados consistentemente sobre retratações, estudos falsos e até “empresas científicas” criadas com base na mentira?

No entanto, será esta época da pós-verdade uma novidade? Na verdade, o ser humano sempre viveu na era da pós-verdade. O homem é uma espécie pós-verdade, que evoluiu devido à capacidade única de criar e divulgar ficções. Somos a única espécie que pode cooperar com base na capacidade de criar histórias de ficção, divulgá-las e ter a aptidão para convencer outros a acreditar nestas mesmas. O ser humano compreendeu que a forma mais fácil de todos cooperarem e obedecerem às mesmas leis seria conceber uma forma em que todos acreditem nas mesmas ficções (Harari, 2018), talvez por isso o dinheiro tenha sido o sistema mais pluralista de confiança mútua criado pelo homem (Harari, 2015). O

Homo sapiens governa o mundo porque é o único animal que pode acreditar em coisas que existem puramente na sua própria imaginação. (Harari, 2015)

Desde cedo a humanidade criou o berço das mitologias, ideologias e fake news. Quando convencemos mil pessoas a acreditar durante um mês numa história inventada, criámos uma fake news. Quando convencemos milhões de pessoas a acreditar durante um século numa teoria inventada, criámos uma ideologia. Os Estados criaram as suas próprias “mitologias”, em movimentos como o comunismo, o fascismo, globalização e liberalismo que elaboraram os seus próprios credos auto-referenciais. O ser humano percebeu que a mais pura verdade da realidade nunca moveu multidões ou foi prioritária na agenda da evolução humana. (Harari, 2018).

Aparentemente, para o ser humano não existe uma divisão estrita e prática em distinguir entre o que é apenas uma convenção ou construção humana e o que é intrinsecamente verdade. O ser humano costuma ser ambíguo ou tende a esquecer-se dessa distinção. Desfocar a linha entre ficção e realidade é uma característica demasiadamente humana, dado que temos a capacidade notável de simultaneamente saber e de não querer saber. (Harari, 2018).

O ser humano sempre preferiu o poder em detrimento da verdade. Apenas assim se compreende o fato de ter passado muito mais tempo a tentar controlar o mundo do que a tentar entendê-lo. A verdade e o poder apenas são temporários companheiros de viagem. Quem deseja o poder, acaba por espalhar ficções. Quem deseja a verdade terá de renunciar ao poder, pois a verdade acabará afastar aliados, seguidores e minar uma certa harmonia, mesmo que esta seja baseada na mentira. (Harari, 2018).

A seu tempo, a principal força da evolução - a seleção natural - será substituída pelo design inteligente. Será que a sociedade da pós-verdade irá descobrir demasiado tarde que a humanidade em breve perderá não apenas o seu domínio, mas o seu próprio significado. Ao longo do século passado, a humanidade conseguiu fazer o impossível e controlar a fome, as pandemias e a guerra global. A pandemia COVID-19 aparenta ser o primeiro sério desafio a este domínio. Na nossa era, morrem mais pessoas de obesidade do que de fome; morrem mais pessoas de velhice do que de doenças infecciosas; morrem mais pessoas por cometer suicídio do que mortas em palco de guerra. O aparente sucesso gerou ambição desmedida, e a humanidade busca a imortalidade, a felicidade sem limites e os poderes divinos da criação. Mas a busca desses objetivos acabará por tornar a maioria dos seres humanos supérfluos. Mas esta é a verdade que ninguém quer enfrentar na era da pós-verdade. A ambição cega torna-nos surdos para a verdade (Harari, 2017).

Na mais recente história da era pós-verdade, a humanidade não possui apenas verdades e mentiras, dado que criou uma terceira categoria de afirmações ambíguas que não são exatamente a

verdade, mas que ficam aquém de uma mentira. Criámos uma neo-verdade, uma espécie de verdade aprimorada. Katharine Viner explica a ligação da tecnologia com a era da pós-verdade:

“Somos apanhados numa série de confusas batalhas entre forças opostas: entre verdade e falsidade, fato e boato, bondade e crueldade; entre poucos e muitos, os conectados e os alienados; entre um público informado e uma multidão desorientada. O que é comum nestas lutas - e o que torna a sua resolução um assunto urgente - é que todas envolvem a diminuição do status da verdade. Isso não significa que não existam verdades. Significa simplesmente, que não podemos concordar sobre quais são essas verdades, e quando não há consenso sobre a verdade e nenhuma maneira de alcançá-la, o caos logo se segue. Cada vez mais, o que conta como um fato é apenas uma visão que alguém sente ser verdadeira - e a tecnologia tornou muito fácil para esses "fatos" circularem com uma velocidade e alcance inimagináveis na era Gutenberg (ou mesmo há uma década) ... Nesta época, as pessoas desconfiam muito do que é apresentado como fato - particularmente se os fatos em questão são desconfortáveis ou não estão em sincronia com as suas próprias visões. Na era digital, é mais fácil do que nunca publicar informações falsas, que são rapidamente compartilhadas e consideradas verdadeiras” (Viner, 2016).

A era da pós-verdade é criada em torno de algoritmos que alimentam os mecanismos de busca da internet, de forma a oferecer ao ser humano o que ele deseja. A versão do mundo a que temos acesso foi filtrada e otimizada, de forma invisível para reforçar as próprias crenças ou para nos transmitir a versão da verdade que alguém tenta fazer passar como verdade absoluta. A verdade transformou-se num algoritmo servido segundo um cardápio de gostos pessoais. Usar plataformas eletrónicas, reduz cada vez mais a hipótese de encontrar informações desafiantes, que ampliem a perspetiva do mundo ou a descoberta de fatos que refutem uma predominância de informações falsas.

Ralph Keyes revela que a consequência mais relevante da pós-verdade é a construção de uma pós-veracidade. Existe uma crescente falta de confiança no discurso público, não pelo conteúdo, mas baseada num descrédito que gera uma crescente suspeita de que a mensagem pode servir a um propósito oculto, que não é desejado pelo público (Keys, 2004). Paradoxalmente, o mesmo público que é governado e que participa ativamente, por vezes de forma inconsciente, na construção dessa pós-verdade. Um público acostumado a viver numa constante justificação da mentira em função dos seus interesses individuais. Tudo o que não coincide com as nossas ideias pode e deve ser classificado como falso – esta é a perspetiva da sociedade da pós-verdade.

Ninguém está isento da responsabilidade por participar de alguma forma em atos difamatórios, mesmo quando parece insignificativo, ou pensamos que o que transmitimos é verdade. A linguagem não é apenas um veículo de comunicação de verdades ou mentiras, pois também é portadora de valores. Esta

tendência de charlatanismo é contagiosa, e esta tendência de consumir falsidades e meias-verdades torna-se numa espécie de coprofagia amoral (Frankfurt, 1986).

A humanidade não se encontra destituída da sua liberdade e livre-arbítrio. No máximo, podemos afirmar que são conceitos condicionados. O ser humano continua livre para decidir restabelecer o preço da verdade na sua vida. O ser humano continua a ter capacidade para preservar-se das suas falsidades e as dos outros, e evitar conviver com conjunturas em que o embuste é a regra do jogo.

Historicamente, iremos retratar este período de pandemia COVID-19 como sendo caracterizado pela confusão e falta de compreensão entre o indivíduo e as organizações. A falta de conhecimento torna difícil responder à ansiedade e medo humano sobre a propagação do vírus, a duração da crise e as formas de enfrentá-la. Em *The Pandemic Century; One Hundred Years of Panic, Hysteria and, Hubris*, Mark Honigsbaum explica que argumenta que em vez de banir o pânico, um melhor conhecimento médico e vigilância de doenças infecciosas também podem semear novos medos, tornando as pessoas hiperconscientes das ameaças pandémicas que antes tinham ignorado. Os media desempenham um papel relevante nesses processos - afinal, nada vende mais do que o medo. Estes acabam por alimentar o pânico, a histeria e o estigma associados a surtos de doenças infecciosas (Honigsbaum, 2019).

Sabemos que períodos caracterizados pela falta de conhecimento são sempre acompanhados de charlatanismo, desinformação e erros, pela necessidade de preencher o vácuo deixado pelas parcas informações parciais disponíveis durante a crise (Schulman, 2020).

A pandemia COVID-19 é na verdade um fenómeno único que revela os perigos da era pós-verdade. O período da pandemia tem se caracterizado por um decréscimo de confiança nas instituições resultante de uma indefinição da linha que separa a opinião do fato. A pandemia intensificou a urgência do ser humano encontrar certezas. O problema é que tendem a procurá-la apenas em “fatos” que são consistentes com as suas próprias opiniões. A verdade passou a ser apenas aquilo que se adequa à crença que se tem. A sensação de confusão e incerteza provém de contradições entre diferentes fatos e fontes face a essas crenças pessoais. O surgimento do logro, desinformação e inexatidão são o resultado dos desejos e interesses do indivíduo que lhe permitem sentir-se mais seguros confortáveis e evitar dissonâncias cognitivas (Schulman, 2020).

É evidente que a pandemia COVID-19 é claramente um fenómeno padrão da era pós-verdade - um resultado de processos inevitáveis. Criámos uma situação onde cada indivíduo considera-se capaz de decidir o que é verdadeiro quando analisa diferentes argumentos na esfera política e científica e sente-se qualificado para desenvolver teorias e refutá-las. Tudo isto resulta no aumento da incerteza geral perante uma infinidade de argumentos contraditórios. Nesta, era observamos como o charlatanismo, desinformação e os erros se assumem como argumentos válidos (Schulman, 2020).

Não enfrentamos apenas uma pandemia viral. Enfrentamos, a longo prazo, um problema imensamente mais complexo de media viral. A sociedade humana entrou em uma nova fase de desenvolvimento caracterizada pela interdependência radical entre aspetos anteriormente desconectados da realidade humana. O problema de uma modernidade viral e de uma teoria viral de pós-verdade cresce a partir de uma perspectiva desenvolvida a partir de Wittgenstein e Foucault, dado que ambos, partem do princípio que as proposições verdadeiras não existem por si mesmas, mas são parte de um sistema de crenças (uma 'teoria') governada por uma gramática subjacente ou regras linguísticas definidas - uma interpretação semiótica fundamental que se concentra na coerência. Ambos defendem uma visão da verdade como uma relação estabelecida a uma rede de crenças que estão em consonância com o modelo ecológico, comunitário e semiótico da verdade (Peter et al, 2020). Vivemos num e para um sistema de bioinformacionalismo construído como uma espécie de ecossistema de ervas daninhas, que é a característica de sistemas onde o erro se expande progressivamente.

O verdadeiro conhecimento requer condições de crença, verdade e justificação, enquanto a mera informação não requer nenhuma dessas condições. A "condição" da existência da pós-verdade baseia-se numa cisão entre a evidência e a verdade. A informação viral e os media virais desenvolveram uma ligação especial entre a maneira como a informação se comporta nas redes digitais e o papel que a informação desempenha como um sistema de mensagens na biologia genómica. As doenças virais podem evoluir e competir numa população hospedeira, assim como os rumores e opiniões são moldadas e disseminadas pelos contatos sociais. (Kucharski, 2016).

“Os vírus biológicos requerem um organismo hospedeiro para sua reprodução e causam consequências desagradáveis para os seus hospedeiros. Os vírus de informação seguem os mesmos princípios. Eles necessitam de computadores e de consumidores humanos como hospedeiros para se reproduzirem, causam igualmente vários sintomas, como o mau funcionamento da sociedade e os sintomas da pós-verdade. No entanto, no entanto, os vírus da informação são diferentes dos vírus biológicos, dado que não reconhecem a necessidade de um nível de coexistência administrável. Nem toda a estratégia contra vírus biológicos tem uma estratégia equivalente contra o vírus da informação. As vacinas biológicas são aproximadamente equivalentes a firewalls, software de filtragem de conteúdo e assim por diante; medicamentos antivirais biológicos são aproximadamente equivalentes a programas antivírus informativos; a quarentena ou restrição de movimento de pessoas e bens é aproximadamente equivalente a desconectar uma pessoa ou um computador da Internet. Estas equivalências grosseiras não podem ser tidas como garantidas, mas na dialética bioinformacionalista entre vírus biológicos e vírus da informação, elas podem servir como pontos de partida para o desenvolvimento de uma estratégia anti-pandémica comum.” (Peters, 2020)

Nas redes sociais digitais, os media virais não discriminam entre informação e conhecimento. Qualquer um pode gerar e fazer circular informações independentemente de seu valor de verdade. É um meio ideal para exageros, falsidades, mentiras e murmúrios tóxicos que são características da era da pós-verdade (Peters et al., 2018).

Já referimos que a pós-verdade não é um conceito novo. Todos os que leram 1984 de George Orwell podem facilmente imaginar um mundo onde um poderoso Ministério da Verdade comanda a lealdade a declarações contraditórias com o slogan "Liberdade é escravidão". A crença de que a verdade existe também pode esmorecer quando, como explicou a filósofa Hannah Arendt, aqueles que estão no poder repetem mentiras com tanta frequência que sobrecarregam a capacidade do público de saber o que é verdadeiro ou falso. A verdade fatural, afirmou Hannah Arendt no final dos anos 1960, é política por natureza. Os fatos são usados para justificar opiniões, e as opiniões conflitantes podem ser sustentadas legitimamente sobre os mesmos fatos. A liberdade de opinião é uma farsa, afirmou a filósofa. Afinal, a verdade é resistente ao debate.

“Do ponto de vista da teoria de Arendt, a pós-verdade está relacionada à pós-política. Não é a pós-verdade que transforma a política em pós-política, é a pós-política que gera a pós-verdade. Quando o significado da diferenciação entre poder e violência, diálogo e monólogo, imparcialidade e parcialidade, interesse comum e privado, cidadãos e as massas que consomem bens e serviços públicos desaparece, então o cinismo que rejeita a crença em qualquer verdade aparece e o poder de julgamento graças ao qual encontramos nossa orientação no mundo é destruído, por exemplo diferenciamos entre verdade e falsidade. Na pós-política, no entendimento de Arendt, a administração do estado atende à esfera privada - os interesses de grupos de capital e / ou religiosos. Há uma erosão gradual de valores e instituições políticas: liberdade, igualdade, solidariedade, poder comunicativo.” (Sepczynska, 2019).

A liberdade de viver em realidades paralelas definidas por "fatos alternativos" foi posta sob considerável pressão pelas exigências da pandemia COVID-19. A singularidade da realidade compartilhada voltou a mostrar-se com ímpeto quando todos fomos lembrados dos limites da "liberdade de acreditar" típica do pluralismo neoliberal. Agir com base em falsas crenças afetou todos os seres humanos nesta crise de risco globalmente compartilhado, potencializando ou prolongando a pandemia. (Tafarodi, 2020).

Acreditar no que mais nos agrada deixou de ser um problema e uma questão meramente pessoal quando afeta o todo. Negar fatos e a verdade põe vidas em perigo. Vender desinformação para fins políticos mostra-se imprudente, mesmo para populistas. A credibilidade perde-se quando se brinca com

questões de vida ou morte e se origina uma descrença suspensa. (Loftus, 2020). Acreditamos que a própria pandemia pode vir a mudar este cenário, como um elemento disruptivo do próprio sistema.

Nesta chegada da era “pós-verdade”, as pessoas podem ter parado de exigir a verdade porque entenderam que estão excluídas de qualquer tomada de decisão ou capacidade de mudar o seu ambiente. O “Infotainment” ou informações apresentadas como entretenimento tornaram-se comuns. Mas agora, durante a pandemia do coronavírus, diante de questões de vida ou morte, parece haver mais procura pela verdade. Os meios de comunicação têm a responsabilidade fundamental de apontar desinformações e deficiências, garantir a correta divulgação das informações fatuais e abster-se de politizar questões de urgência. As fontes de media que o fazem serão rotuladas como mais legítimas, enquanto outras que estão a tentar semear discórdia perderão credibilidade. A confiança é encontrada nas circunstâncias em que as pessoas trabalham juntas em prol de um objetivo maior. Reconstruir a confiança na sociedade vai demorar um pouco, pois a nossa crise de confiança decorre de muitos fatores estruturais complicados, incluindo a economia e os processos democráticos.” (Loftus, 2020).

Referências Bibliográficas:

- Arendt, H. (1971, Nov 18). Lying in politics: reflections on the Pentagon Papers. *New York Review of Books*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Burnet, M., & White, D. O. (1972). *Natural history of infectious disease* (4th ed.). Cambridge University Press.
- Camacho, M. M. (n.d.). The era of post-truth, post-veracity and charlatanism. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Camus, A. (1972). *La Peste*. Gallimard.
- Conway, E. M., & Oreskes, N. (2010). *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Climate Change*. Bloomsbury Press.
- Daszak, P. (2020, Feb 27). We Knew Disease X Was Coming. It’s Here Now. *The New York Times*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Frankfurt, H. G. (1986). *On Bullshit*. Princeton University Press.
- Funk, C., Hefferon, M., Kennedy, B., & Johnson, C. (2019, Aug). Trust and mistrust in Americans’ views of scientific experts. *Pew Research Organization*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Gates, B. (2015, March 18). Lessons from Ebola- We’re not ready for the next epidemic. *Gates Notes – The blog of Bill Gates*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Gates, B. (2020, April 9). Transcript: Bill Gates speaks to the FT about the global fight against coronavirus. *Financial Times*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Global Preparedness Monitoring Board. (2019). *A world at Risk- Annual report on global preparedness for health emergencies*. World Health Organization. DOI: 10.2307/resrep24975
- Habermas, J. (1987). *The theory of communicative action (Vol. 2): Lifeworld and system: A critique of functionalist reason*. Beacon Press.
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: A Brief History of Humankind*. Vintage.

- Harari, Y. N. (2017). *Homo Deus: A History of Tomorrow*. Harper.
- Harari, Y. N. (2018). *21 Lessons for the 21st Century*. Random House.
- Harari, Y. N. (2018, Feb 28). Are we living in a post-truth era? Yes, but that's because we're a post-truth species. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Hoffower, H. (2020, Dec 15). Bill Gates has been warning of a global health threat for years. Here are 12 people who seemingly predicted the coronavirus pandemic. *Insider*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Honigsbaum, M. (2019). *The pandemic century: One hundred years of panic, hysteria and, hubris*. W.W. Norton and Company.
- Horton, R. (2020, Apr 9). Coronavirus is the greatest global science policy failure in a generation. *The Guardian*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Jobs, S. (2005). You've got to find what you love,' Jobs says - This is a prepared text of the Commencement address delivered by Steve Jobs, CEO of Apple Computer and of Pixar Animation Studios, on June 12, 2005. Retrieved from Stanford News
- Jones, D. S. (2020). History in a Crisis — Lessons for Covid-19. *The New England Journal of Medicine*, 382. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Jones, L. (2018). *The Big Ones – How natural disasters have shaped us (and what can we do about them)*. Doubleday Book.
- Keyes, R. (2004). *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. St. Martin's Press.
- Kucharski, A. (2016). Post-truth: Study epidemiology of fake news. *Nature*, 540(7634), 525–525. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Loftus, S. (2020, Apr 17). COVID 19: Post-Truth Age – Or Facts Making a Comeback? *The Globalist*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- McIntyre, L. (2018). *Post-Truth*. MIT Press.
- Osterholm, M. (2007). Unprepared for a Pandemic. *Foreign Affairs*, 86(2), 34-47. DOI: 10.2307/20031836
- Osterholm, M. T. (2005). Preparing for the Next Pandemic. *Foreign Affairs*, 84(4), 18-32. DOI: 10.2307/20031836
- Osterholm, M. T. (2017). *Deadliest Enemy: Our War Against Killer Germs*. Little, Brown and Company.
- Osterholm, M. T. (2020). Chronicle of a Pandemic Foretold - Learning From the COVID-19 Failure—Before the Next Outbreak Arrives. *Foreign Affairs*, 99(4), 70-87. DOI: 10.2307/20031836
- Parmet, W. E., & Paul, J. (2020, July). COVID-19: The First Posttruth Pandemic. *American Journal of Public Health*, 110(7), 945–946. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Peters, M. A., McLaren, P., & Jandric, P. (2020, Apr 13). A viral theory of post-truth. *Educational Philosophy and Theory*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Peters, M. A., Rider, S., Hyvoenen, M., & Besley, T. (Eds.). (2018). *Post-truth, fake news: Viral modernity & higher education*. Springer.
- Peters, M. A., Tesar, M., Jackson, L., & Besley, T. (Eds.). (2020). *What Comes after Postmodernism in Educational Theory?*. Routledge.
- Rosenberg, C. (1989). What Is an Epidemic? AIDS in Historical Perspective. *Daedalus*, 118(2), 1-17. DOI: 10.2307/20025233
- Sanger, D. E., Lipton, E., Sullivan, E., Crowley, M. (2020, Mar 19). Before Virus Outbreak, a Cascade of Warnings Went Unheeded. *The New York Times*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361

- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Companhia das Letras.
- Sardar, Z. (2010). Welcome to postnormal times. *Futures*, 42(5), 435-444. DOI: 10.1016/j.futures.2009.11.028
- Schulman, R. (2020). COVID-19 and the Post-Truth Age: The Role of Facts in Public Policy | Summary of an Online International Conference. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Sepczynska, D. (2019). Post-Truth from the Perspective of Hannah Arendt's Political Theory. *Filozofia*, 74(3), 209–222. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Smil, V. (2008). *Global Catastrophes and Trends: The Next Fifty Years*. The MIT Press.
- Stegmaier, W. (2011). Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? interpretação contextual do § 1 do capítulo "por que sou um destino", de *ecce homo*. *Trans/Form/Ação*, 34(1).
- Tafarodi, R. W. (2020). A 'Post-Truth' Society and the COVID-19 Pandemic. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- Taleb, N. N. (2007). *The Black Swan: The Impact of the Highly Improbable*. Random House Trade Paperbacks.
- Viner, K. (2016, Jul 12). How technology disrupted the truth. *The Guardian*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361
- World Health Organization. (2018). *2018 Annual review of diseases prioritized under the Research and Development Blueprint, Informal consultation, 6-7 February 2018, Geneva, Switzerland*. DOI: 10.2307/resrep24197
- Xie, A. (2020, Apr 6). How the greedy ruling elite failed us, by putting profit before pandemic preparedness. *South China Morning Post*. DOI: 10.1056/NEJMp2004361